

EXERCENDO OS OFÍCIOS DA PROFISSÃO: UMA BREVE ANÁLISE DOS LIVROS DIDÁTICOS DE HISTÓRIA E A BUSCA POR VALORES CONTEMPORÂNEOS

AMANDA DA CUNHA CONRADO¹

“A diferença decisiva entre as “infinitas improbabilidades” sobre as quais se baseia a realidade de nossa vida terrena e o caráter miraculoso inerente aos eventos que estabelecem a realidade histórica está em que, na dimensão humana, conhecemos o autor dos “milagres”. São os homens que os realizam – homens que, por terem recebido o duplice dom da liberdade e da ação, podem estabelecer uma realidade que lhes pertence de direito.” (Hannah Arendt)

A humanidade vem passando por importantes transformações em termos tecnológicos ou de si mesma, se for para elencar exemplos. E mais, parece não impensável que o passado e o futuro participam do presente de maneira ativa de nossa sociedade; e entende-se assim pela constante luta da História por mostrar-nos que dessa maneira podemos ser e ver o mundo. Neste sentido tem a História também o dever de indicar caminhos melhores, de basear-se nela mesma e traçar respostas mais “humanas” para todos nós. A consciência histórica torna-se porta para o entendimento não só de nós mesmos, mas do outro e de sua completude, respeitando-o como é (em sua própria história). Afirma Jörn Rüsen, historiador e filósofo alemão, em seu trabalho *Razão Histórica: teoria da história – os fundamentos da ciência histórica* (2001)

Com o termo “raízes” quer-se dizer duas coisas: de um lado, as necessidades de orientação percebidas pelos homens, agentes e pacientes, na experiência cotidiana do transcurso do tempo, em si mesmos em seu mundo. De outro lado, a elaboração de uma determinada ideia de “história”, correspondente a essas necessidades de

¹ Aluna graduanda em História pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Orientadora: Dra. Margarida Maria Dias de Oliveira. Bolsista PIBIC – CNPQ. E-mail: amanda.c.conrado@hotmail.com

orientação, que vem influenciar decisivamente a orientação prática da vida, no tempo. (RÜSEN, 2001: 22 – 23)

Visando esta História que se liga às necessidades do homem na orientação do tempo e na vida prática, do mesmo modo destacamos o papel da História de transpor ou mesmo criar valores, sejam eles sociais, políticos, morais ou éticos, o conhecimento histórico tem a responsabilidade de formar pessoas. Um exemplo disso pode-se perceber ao estudarmos Escravidão no Brasil, entendendo através do passado valores atuais como o respeito entre as etnias e o combate ao racismo (tema tão atual em nossa sociedade).

Em paralelo a esta discussão apontamos outra tão importante quanto essa, que é o uso dos livros didáticos no ensino básico brasileiro. Objeto cultural que causa grande polêmica, seja devido ao seu preço nas lojas, ou mesmo pelo uso (ou não uso) dele pelos alunos e professores. Ou ainda pela ausência e defasagem de conteúdos dignos de cuidado e representação. Como diria a professora Dra. Margarida Maria Dias de Oliveira, o livro didático mobiliza posicionamentos sempre radicais e apaixonados. Além disso, costuma-se sempre a acusar os culpados, sejam eles bons e ruins, ora são os professores, ora os próprios autores, ora os alunos. Mas de quem é a culpa de tanta defasagem no material didático escolar? Tem-se realmente um culpado nesta discussão? Entendemos pois, como principal objetivo do livro didático a construção do que se ensina como conhecimento histórico na escola. No mesmo sentido afirma Jörn Rüsen, historiador e filósofo alemão, no artigo *O livro didático ideal* (1997)

Como regra geral, o livro didático deve oferecer a possibilidade de verificar as interpretações dadas e de elaborar interpretações próprias, ou melhor, mediante a própria interpretação, estabelecer contextos históricos com base na documentação dada (junto à exposição de autores concretos ou complementares a ela). (RÜSEN, 1997: 118)

No pensamento deste autor as características que marcam um bom livro didático são essencialmente quatro: um formato claro e estruturado; uma estrutura didática clara; uma relação produtiva com o aluno; uma relação com a prática da aula.

Portanto, relacionando ambas as discussões, este trabalho pretende enxergar de que forma os livros didáticos tem contribuído para a construção de cidadãos críticos e mais, como tem suscitado no corpo discente do país valores sociais, éticos, morais e políticos, alcançando assim o objetivo primeiro da História que é formar o homem. Isso tem acontecido? Nosso material didático tem sido fonte de “humanidade” para nossos alunos? São perguntas como estas que permeiam todo nosso trabalho; as quais buscamos respondê-las.

A fim de chegarmos a nossas conclusões foram analisados a coleção *A escrita da História* (2010) de Flávio de Campos e Regina Claro dividida em três volumes e o livro *História Global: Brasil e geral* (2009), volume único de Gilberto Cotrim; ambos voltados para o ensino médio. Foi-se escolhido estes livros devido ao nosso trabalho de estágio supervisionado sendo realizado no primeiro semestre de 2013 em escola pública da rede de ensino, e serem estes os livros adotados pela Instituição.

DIREITOS HUMANOS² E OS LIVROS DIDÁTICOS

Podemos atestar na Declaração Universal dos Direitos Humanos que a inserção deste tema na vida do povo deve ser política de Estado, já que princípios como cidadania e democracia, estão intimamente ligados no bem comum; busca-se assim o desenvolvimento de cidadãos ciente de seus direitos e deveres, de valores que são necessários a vida em comunidade. “É nesse processo, por sua vez, que a educação é tanto um direito humano em si mesmo como um meio indispensável para a realização dos outros direitos.” (LEITE, 2011: 05), afirma Talita Soares Leite em seu trabalho *Direitos humanos e educação básica: uma leitura crítica acerca da educação em direitos humanos*. Deste modo, entendemos que os valores importantes à vida humana, serão e deverão também ser de responsabilidade da Escola a inserção e a apresentação para os “novos cidadãos”. A Escola torna-se, portanto,

² Neste trabalho o termo Direitos Humanos atrela-se diretamente ao termo Valores.

meio necessário à sociabilidade, discussão e aprendizado, que vai além dos conteúdos presentes no currículo nacional, mas compreende a formação do homem em si; e a disciplina de História está diretamente vinculada a isto.

Na Instituição escolar o livro didático toma proporção de auxílio para a construção deste cidadão; ocupa, pois, lugar de destaque, e deve exercer a função de instrumento no caminho da busca por valores, segundo Marcuschi e Val (2005)

O livro didático desempenha, hoje, na escola, uma função proeminente, seja na delimitação da proposta pedagógica a ser trabalhada em sala de aula, seja como material de apoio ao encaminhamento das atividades de ensino-aprendizagem, seja como suporte (único ou suplementar) disponível de textos de leitura para professores e alunos. (MARCUSCHI; VAL *apud* SILVA; MALINOSKI, 2010: 187)

Desta forma percebemos que o livro didático ganha ainda maior valor quando se trata de dar suporte a quem os utiliza, seja professores ou alunos, com função no encaminhamento do ensino-aprendizagem e assim também colocando como necessário a transposição de valores. Quando ainda tomamos nota do Guia do Livro Didático de História encontra-se valorização em obras que tenham o seguinte perfil: “... que contribuam para o desenvolvimento de habilidades cognitivas básicas, como observação, investigação, compreensão, argumentação, organização, memorização, análise, síntese, criatividade, comparação, interpretação, avaliação” (GUIA DO LIVRO DIDÁTICO *apud* TIMBÓ, 2007: 62, grifo nosso). Ao nos deparar com a capacidade de análise, comparação e interpretação dos discentes podemos suscitar neles a construção de um ser humano e humanizado; analisando o meio em que está inserido, interpretando-o, comparando situações que pode vir a dar a este indivíduo uma ideia do coletivo e do outro.

Em vista de uma cidadania, o livro didático no Brasil tem recebido uma valorização cada vez maior através da implantação pelo Ministério da Educação (MEC), do Programa Nacional do Livro Didático (PNLD), este consistindo na compra de livros didáticos para análise e classificação, chegando aos alunos livros mais preparados e completos (em todos os sentidos), e assim depois distribuídos em todo o país para a rede pública de ensino. Para

Marcuschi e Val (2005) o livro didático ocupa destaque na definição das políticas públicas em educação, como também está integrada a cultura escolar no Brasil, Circe Bittencourt (*apud* Isaíde Bandeira Timbó, 2007: 63) ainda vai elencar características deste material didático, temos: a mercadoria de indústria cultural, suporte de conhecimentos escolares, suporte de métodos pedagógicos, e o que nos interessa, veículo de um sistema de valores; vê-se, enfim, no livro didático possibilidade(s).

ANALISANDO O MATERIAL DIDÁTICO

De acordo com o Guia do Livro Didático dedicado ao Ensino Médio do ano de 2012, ressaltam-se iniciativas que fazem mercê a preocupações com o desenvolvimento de valores, além do combate a estereótipos, sendo estimulada a formação cidadã do aluno. Afirma o Guia do Livro Didático

Destacam-se diversas seções que favorecem a identificação de permanências e rupturas entre diferentes contextos históricos; incentivam os alunos a se posicionar sobre valores, crenças, polêmicas e a desenvolver a habilidade de argumentação; estimulam a reflexão sobre a realidade social e a compreensão das situações da sua vida cotidiana, em conexão com processos históricos de abrangência nacional ou mundial; fomentam a aprendizagem colaborativa pela constante troca de ideias entre os estudantes. (GUIA DO LIVRO DIDÁTICO, 2012: 74 – grifo nosso)

Apesar de tratar diretamente de uma coleção específica diferente da adotada pra este trabalho, o Guia do Livro Didático se aplica a todos os materiais didáticos quando se trata do objetivo que queremos alcançar em sala de aula com nossos alunos, o de fomentar a construção de valores e a compreensão da vida cotidiana do aluno, além da sociabilidade deste com os colegas de sala.

O livro *A escrita da História* (2010) de Flávio de Campos e Regina Claro, aqui analisado, trata-se de um livro que contempla a História Integrada, sendo separado em

sequência cronológica (os três volumes) e intercalando História geral a do Brasil, além de América e África, durante todo o período que compreende-se História (até o presente). O livro do aluno contém variedade de textos e imagens que ligam o discente aos fatos históricos e que podem ser ferramenta importante para o professor no movimento ensino-aprendizagem necessário em sala de aula. “O convívio social, o reconhecimento e o respeito às diferenças culturais, étnicas, religiosas e políticas são estimulados, assim como a atitude cidadã, com vistas à construção de um mundo sem preconceitos e mais justo” (GUIA DO LIVRO DIDÁTICO, 2012: 36), detalha o Manual sobre a coleção escolhida.

Em nossa pesquisa pudemos notar que os autores usam das atividades para apresentar aos discentes diferentes “lados” da História, boxes como “Um outro olhar” ou “Oficina de História”, são exemplos disso; além da própria introdução aos capítulos feita pelos autores. Em muitos trechos da coleção podemos notar a comentários provocadores de importantes discussões e que, entendemos, poderiam ser disparadores de opiniões e construtores de valores, como no caso a seguir

Mas o que a racionalidade tecnológica produziu foi a mais devastadora guerra da história da humanidade. “As luzes se apagam em toda a Europa”, disse Edward Grey, secretário das Relações Exteriores da Grã-Bretanha, na noite em que a Inglaterra e a Alemanha entraram em guerra. O progresso tecnológico capacitou os combatentes a se exterminarem com uma eficiência sem precedentes. A Europa se converteu em um matadouro: cerca de 17 milhões de mortos e 20 milhões de feridos. Armas químicas, aviões bombardeiros e submarinos inauguraram a “Era do massacre” (CAMPOS; CLARO, 2010: 23, vol. 03)

Um trecho assim nos impulsiona a, entendendo os horrores da II Guerra Mundial, vir a discutir questões sobre superioridade, respeito, igualdade étnico-raciais e assim a construção de uma consciência histórica capaz de adentrar a vida prática do aluno em seu dia-a-dia; como quando está uma fila e chega um idoso; ou mesmo quando está em um restaurante e uma família afrodescendente vem a sentar-se próximo dele, sua reação de respeito é fundamental e isso, acreditamos, ser de competência da História fazê-lo refletir sobre sua própria prática. No box “Oficina de História – leitura complementar” podemos ver questões do tipo

Como participantes de uma manifestação coletiva, que reúna milhares de pessoas, os homens assumem uma identidade também coletiva. É o fenômeno denominado **homem-massa** por Wilhelm Reich. Nos dias de hoje, quais são as circunstâncias em que ocorre o aparecimento de homem-massa? (CAMPOS; CLARO, 2010: 70)

Através desse termo “homem-massa” o professor é capaz de refletir com o aluno assuntos como o que é ser igual? Como a mídia e o Estado trata a grande parte da população pobre do país? Existe esse homem-massa? Ou mesmo sobre o coletivo. Incitando, desta forma, a consciência de ser humano do discente.

O livro *História Global – Brasil e geral* (2009), ainda na versão volume único de Gilberto Cotrim, também analisado por nós, é um material mais tradicional, organizado de forma cronológica e na grande parte do trabalho dividido em Geral e Brasil; com enfoque historiográfico em História política e econômica. A proposta tradicional de periodização não o exclui do rol de bons livros didáticos, porque o mesmo traz em si textos complementares interessantes para a sala de aula, além de fontes variadas (textuais e iconográficas). Nas sessões “Oficina de História” que articula o assunto histórico do livro com o tempo presente dos alunos, seu cotidiano, vemos a divisão em categorias de perguntas em: “Relacionando conteúdos – Relacionando passado e presente – Mudanças e permanências – Desenvolvendo atitudes”, e desta forma o discente vai traçando relações entre o passado e o presente e desenvolvendo habilidades de compreensão do mundo e do outro, mais eficientes. Um exemplo disso vemos na pergunta “Qual a importância de conhecer a história da sociedade em que vivemos? Discuta a questão com os colegas e, depois, escreva suas conclusões no caderno” (CONTRIM, 2009: 16).

Além disso, este livro traz algo que acreditamos ser de fundamental importância que é um capítulo inicial sobre “Tempo e história”, que vai explicar conceitos importantes para a História e vão ajudar ao aluno adentrar na forma como a história vem a trabalhar, ver o mundo, e como ela é capaz de ajudá-lo a construir seus próprios conceitos de mundo. Neste capítulo serão trabalhadas questões sobre o tempo e periodização, os termos utilizados pela

História, além de valores que a História é capaz de trazer em si. Neste capítulo o aluno também pode vir a iniciar seu entendimento a respeito a serventia da História. Fala o Guia do Livro Didático sobre este livro

As seções iniciais e finais de cada unidade, se adequadamente exploradas, possibilitam a problematização dos contextos históricos e o estabelecimento de relações entre passado e presente, que incitam à reflexão crítica sobre temas e valores contemporâneos. (GUIA DO LIVRO DIDÁTICO, 2012: 91 – grifo nosso)

Este trecho é somente para enfatizar o que já nos foi apresentado, o material didático analisado, presa pela reflexão crítica do cotidiano e dos fatos históricos, e assim resultado em construção de valores contemporâneos, sejam eles políticos, éticos, sociais e morais.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Acreditamos que o livro didático sozinho não poderá fazer nada, contudo quando atrelado ao profissional que trabalhará com este material, podemos afirmar que este se torna suporte e apoio mais que suficiente para o professor, além de importante veículo de valores sociais (para resumir políticos, morais e éticos). O livro didático deve vir ser capaz de questionar valores, como também introduzir outros, pela voz do professor; contribuindo para criação e solidificação de um aluno crítico de sua própria realidade. Busca-se assim “Um aluno que saiba exigir seu direito de acesso à escola de qualidade, a busca pela igualdade de gênero e a aceitação da multiculturalidade nas salas de aula” (SILVA; MALINOSKI, 2010: 195), como afirma as autoras Mariane Silva e Marlei Malinoski (2010) em seu trabalho *O implícito nos textos veiculados nos livros didáticos: uma possibilidade para se desenvolver o “habitus” frente à cultura da paz*.

A História por si só não é tarefa fácil, e reconstruí-la em sala de aula, muito menos, quando se toma em consideração as multiplicidades de nosso país, multi econômico, regional

e cultural. Os livros didáticos precisam, por esta razão, também acompanhar estas características, e serem acessível a todos. Contudo, o que se espera é que ao usar o livro, o professor possa ter certeza de que está com um material adequado a sua tarefa, auxiliando-o no ensino-aprendizagem real dos estudantes.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BITTENCOURT, Circe Maria Fernandes. **Ensino de História: fundamentos e métodos**. 4 ed. São Paulo: Cortez, 2011.

CERRI, Luís Fernando. **Ensino de história e consciência histórica**. Rio de Janeiro: Ed. FGV, 2011.

Guia dos livros didáticos: PNLD 2012: História – Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2011.

LEITE, Talita Soares. **Direitos humanos e educação pública: uma leitura crítica acerca da educação em direitos humanos**. Trabalho de conclusão da licenciatura em Ciências Sociais - Universidade Estadual de Londrina, 2011.

OLIVEIRA, Margarida Maria Dias de. **O direito ao passado: uma discussão necessária à formação do profissional de História**. Aracajú: Ed. UFS, 2011.

RÜSEN, Jörn. O livro didático ideal. In: SCHMIDT, Maria Auxiliadora; BARCA, Isabel; MARTINS, Estevão de Rezende (org). **Jörn Rüsen e o ensino de história**. Curitiba: Ed. UFPR, 2010.

RÜSEN, Jörn. **Razão Histórica: Teoria da história – os fundamentos da ciência histórica**. In: MARTINS, Estevão de Rezende (trad). Brasília: Ed. UNB, 2001.

SILVA, Mariane T.M. Carneiro; MALINOSKI, Marlei Gomes da Silva. **O implícito nos textos veiculados nos livros didáticos**: uma possibilidade para se desenvolver o “habitus” frente à cultura da paz. *Eletras*, vol. 20, n.20, jul. 2010.

TIMBÓ, Isaíde Bandeira. O livro didático de História e a formação docente. In: OLIVEIRA, Margarida Maria Dias de; STAMATTO, Maria Inês Sucupira (org). **O livro didático de história**: políticas educacionais, pesquisas e ensino. Natal: EDUFRN, 2007.

Livros didáticos:

CAMPOS, Flávio de; CLARO, Regina. **A escrita da História** – Volumes 1, 2 e 3. São Paulo: Escala Educacional, 2010. (Coleção A escrita da História).

COTRIM, Gilberto. **História global**: Brasil e geral – Volume único. São Paulo: Saraiva, 2005.